

**LETRAMENTO,
INTERDISCIPLINARIDADE E
MULTICULTURALISMO NO
ENSINO FUNDAMENTAL
DE NOVE ANOS**



Maria Sílvia Cintra Martins

**LETRAMENTO,
INTERDISCIPLINARIDADE E
MULTICULTURALISMO NO
ENSINO FUNDAMENTAL
DE NOVE ANOS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martins, Maria Sílvia Cintra

Letramento, interdisciplinaridade e multiculturalismo no ensino fundamental de nove anos / Maria Sílvia Cintra Martins. -- Campinas, SP : Mercado de Letras, 2012. -- (Coleção Gêneros e Formação)

ISBN 978-85-7591-215-7

1. Diversidade cultural 2. Educação – Finalidade e objetivos 3. Interação em educação (Ensino fundamental) 4. Interdisciplinaridade na educação 5. Letramento 6. Prática de ensino 7. Trabalhos escolares 8. Sala de aula – Direção I. Título. II. Série.

12-01213

CDD-371.332

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino fundamental : Interações nas práticas de letramento : Educação 371.332

Coleção Gêneros e Formação

Editoria: Angela B. Kleiman

Maria de Lourdes Meirelles Matencio (*in memoriam*)

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS EDIÇÕES E LIVRARIA LTDA.

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

FEVEREIRO/2012

IMPRESSÃO DIGITAL

– IMPRESSO NO BRASIL –

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*Acorda ligeira e vem olhar que lindo
Sobre o morro sol se debruçar
Leite novo espuma dessa madrugada
Passarada vem te despertar
Tantos pés descalços posso ver libertos
A correr na direção do dia:
Chuva desce pra regar a terra
Engravidar sementes em frutas se tornar
(Acontecência – Cláudio Nucci)*



Sumário

Introdução **9**

Escrita e oralidade no primeiro ano do Ensino

Fundamental: algumas reflexões iniciais **15**

Fundamentos para um projeto de letramento

envolvendo crianças de seis anos **25**

O projeto de letramento no primeiro ano do

Ensino Fundamental **47**

O projeto de letramento no sexto ano do

Ensino Fundamental **69**

O projeto de letramento no nono ano do

Ensino Fundamental **91**

Letramento, interdisciplinaridade e

multiculturalismo: algumas conclusões **105**

Glossário **109**



Introdução

Em volume anterior conversamos sobre a inter-relação que pode ser construída entre o trabalho pedagógico com a oralidade e com a escrita na educação infantil e também no primeiro ano do Ensino Fundamental. Naquele momento, relatei alguns acontecimentos que havia presenciado na EMEB “Ipê Rosa”: a maneira como as crianças costumavam brincar no pátio e a forma com que as professoras daquela escola souberam aproveitar o jeito mais usual de as crianças brincarem e se comunicarem para programar atividades de interferência pedagógica.

Vimos como dentro da mesma classe podem existir crianças que manifestam formas diferentes de se relacionar com a linguagem, e pudemos concluir juntos que apenas a medição das hipóteses de escrita que as crianças revelam é um recurso insuficiente para fundamentar a prática pedagógica do professor: primeiro porque as medições que se fazem são circunstanciais, mostram um pouco do que a criança é capaz de fazer em dado momento, mas são insuficientes como parâmetro para que se estabeleça uma classificação.

Aliás, sabemos todos, nós educadores, o quanto são perversas as classificações e o quanto podem contri-

buir mais para embotar o desenvolvimento, do que para propiciá-lo. Lembro a propósito do relato da professora Fabíola, que ao visitar a classe de uma outra professora amiga sua pôde presenciar a forma patética com que certas crianças se classificavam umas as outras: – Você ainda não é alfabético! A Aninha é silábica... .

Outra razão por que essas testagens são insatisfatórias é o fato de que há muitos outros elementos que estão em jogo na apropriação da linguagem, seja ela oral ou escrita: há muito mais entre o céu e a Terra do que sonha a vã Filosofia, já dizia o mestre Shakespeare...

Desta vez vamos pensar juntos sobre outras tantas formas de se desenvolverem atividades escolares, sempre levando em consideração a inter-relação entre as práticas orais e as práticas escritas. Uma vez que não se costuma pensar muito no trabalho pedagógico voltado à oralidade, certa ênfase será dada às práticas orais, porém como a escola é sobretudo uma agência de letramento, essas práticas orais serão pensadas sempre em torno de suas eventuais contribuições para a apropriação da linguagem escrita.

Todos sabemos que grande parte das orientações para o ensino da Língua Portuguesa centra-se, preferencialmente, na produção de textos nos gêneros escritos. Vale lembrar, nesse sentido, que já os PCNs de Língua

Portuguesa, quando foram lançados na década de noventa, apontavam para a pressuposição de que as crianças, ao ingressarem na escola, já trazem o domínio da modalidade oral de sua língua materna, cabendo à instituição escolar a ênfase sobre a língua escrita.

É certo que os PCNs chegam a mencionar o trabalho com gêneros orais, mas, conforme discutiremos em mais detalhe nos capítulos que compõem este volume, esta menção é feita de forma rápida e vaga, sem que se presuponha uma inter-relação, do ponto de vista da prática pedagógica, no trabalho com gêneros orais e escritos na escola.

Já a orientação que tem sido fornecida, mais recentemente, seja em cadernos que vêm sendo publicados pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, seja por outras secretarias em nível estadual ou federal, ainda enfoca o trabalho com gêneros orais na escola de forma muito pouco enfática. Em meu entender, este quadro se dá como decorrência de dois aspectos fundamentais: por um lado, pelo fato de que não se prevê a necessidade de uma interferência pedagógica efetiva na produção de textos na modalidade oral, esperando-se, via de regra, uma produção relativamente espontânea, como se não estivesse também sujeita a um processo sistemático de ensino-aprendizagem; por outro, conforme discutirei atra-

vés de alguns exemplos de aplicação prática em sala de aula, pelo fato de que, de um modo geral, as propostas de trabalho intencional com a oralidade, quando existem, estão calcadas numa orientação relativamente estreita da aplicação das sequências didáticas, fato que, conforme me parece, impede que o trabalho pedagógico venha a se desenvolver de forma genuína, dentro de uma articulação mais profunda entre as diferentes práticas.

Este volume busca, assim, em parte, responder também à necessidade que vimos sentindo de se descrever, com mais clareza, como se pode desenvolver o trabalho pedagógico com gêneros orais. À medida que mostrar algumas práticas efetivas com essa modalidade de trabalho, tratarei de apresentar fundamentação teórica coerente, que auxilie os professores, em sua prática cotidiana, a refletirem sobre a importância e o alcance da prática sistemática com gêneros orais e escritos na escola. Simultaneamente, discutirei, também através de exemplos de prática pedagógica cotidiana, de que forma a articulação entre práticas orais e escritas pode se mostrar proveitosa para o trabalho em sala de aula nas diferentes faixas etárias, mesmo quando a principal meta ainda for aquela da apropriação competente da linguagem escrita. Para isso, destacarei a necessidade da construção de projetos de letramento interdisciplinares e multiculturais.

Esperamos que esses relatos possam servir de inspiração para se pensar na ampliação do escopo do trabalho pedagógico com a língua materna, e mais particularmente como subsídio para a implementação da nova proposta do Ensino Fundamental de nove anos. Nessa medida, embora se voltem a realidades específicas, de classes de primeiro, sexto e nono anos, as implicações que comportam apontam para uma possibilidade bastante fértil de trabalho pedagógico nos diferentes níveis, em projetos abrangentes que busquem uma articulação dinâmica na prática de ensino de língua materna entre os gêneros do discurso orais e escritos, e também entre diferentes disciplinas e diferentes faixas etárias, em íntima inter-relação. A escolha do trabalho com primeiro, com sexto e com nono ano se dá em parte por se tratarem de momentos cruciais no desenvolvimento cognitivo, afetivo e sociodiscursivo do jovem e da criança; em parte porque entendemos que, com base nestas indicações que fornecemos aqui, o professor saberá criar e inventar, junto com seus alunos e tendo em vista as suas demandas específicas, várias outras possibilidades de propostas educativas.